

# O ESTUDO DA DÊIXIS NO GÊNERO CARTA LITERÁRIA\*

THE STUDY OF DEIXIS IN THE GENRE LITERARY LETTER

Ana Keyla Carmo Lopes \*\*, Jorge Tércio Soares Pacheco \*\*\*

## RESUMO

Em relação ao fenômeno da referenciação, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) categorizam os processos referenciais em: introdução referencial, anáfora, dêixis. Neste trabalho, para fins de uma investigação mais produtiva, delimitamos a nossa análise ao estudo da dêixis. Desse modo, o objetivo deste trabalho é verificar a ocorrência da dêixis pessoal, social, espacial, temporal, textual e de memória (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014), no gênero carta literária. Para isso, selecionamos um *corpus* constituído por 06 (seis) cartas literárias direcionadas ao público infante-juvenil, retiradas do livro intitulado “Felpo Filva”, de Furnari (2006). Seguimos as concepções de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), no que diz respeito ao estudo sobre a dêixis. Verificamos que há a ocorrência da dêixis pessoal, social, textual e de memória na amostra em estudo. No entanto, não evidenciamos a ocorrência das dêixis espacial e temporal, embora venham expressos, nas cartas, o local e a data da enunciação.

**Palavras-chave:** gênero; carta literária; referenciação; dêixis.

## ABSTRACT

*Concerning the phenomenon of referenciation, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) categorize referential processes into reference input, anaphora and deixis. In this work, for the purposes of a more productive research we delimit our analysis to study deixis. Thus, the aim of this research is to verify the occurrence of personal, social, spatial, temporal, textual and memory deixis (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014), in the genre literary letter. Therefore, we selected a corpus made up of six (06) literary letters directed to children and youth, from a book*

---

\* Trabalho apresentado em sessão coordenada, eixo temático 6 – Referenciação, no I Simpósio de Linguística Textual, no dia 10/11/2015, no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

\*\* Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, Ceará, Brasil. Bolsista CAPES/ PNPd. kkeylac2000@yahoo.com.br

\*\*\* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSILA), do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em Fortaleza, Ceará, Brasil. j\_tercio@yahoo.com.br

entitled “Felpo Filva” by Furnari (2006). We follow the concepts of Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), with regard to the study of deixis. We found out that there is the occurrence of personal, social, textual and memory deixis in the test sample. However, we did not detect the occurrence of spatial or temporal deixis, although they are expressed in the letters, the place and date of enunciation.

**Keywords:** genre; literary letter; referenciation; deixis.

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho, julgamos relevante estudar a ocorrência dos diversos tipos de dêixis, a saber: dêixis pessoal, social, espacial, temporal e textual (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014), em 6 (seis) cartas literárias, pois, por meio delas, podemos evidenciar relações que ainda não foram realizadas na área da linguística no que diz respeito, principalmente, à escolha do gênero carta literária, já que, na maioria das vezes, encontramos, na literatura linguística, pesquisas com a temática da dêixis em gêneros, tais como: anúncio, piada, entre outros.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) nos instigaram a trabalhar com a referenciação, especificamente a dêixis, pois os autores apontam para a relevância da referenciação para a construção do sentido dos gêneros textuais. Apesar de abordarem uma diversidade significativa de gêneros para o esclarecimento da análise desses conceitos, eles não trabalham com o gênero carta literária.

A pesquisa de Sousa (2005), referente aos anúncios de turismo do Ceará, possibilitou-nos perceber e entender os diversos tipos de dêixis, direcionando-nos, por meio dessas concepções, para a nossa análise.

Tomamos como parâmetro o estudo de Silva (2008), cujo objeto de estudo tem como foco o domínio discursivo<sup>1</sup> do texto literário, o que nos possibilitou ver relações com o nosso objeto de análise, a carta literária, a qual também pertence ao mesmo domínio discursivo, o literário.

Os escritos de Apothéloz (1995) e Koch (2011) também nos impulsionaram a desenvolver esta pesquisa, uma vez que os autores também nos possibilitaram um maior entendimento das concepções em questão.

Ressaltamos que, neste trabalho, há a seguinte divisão: fundamentação teórica, na qual discorremos sobre as concepções em estudo; metodologia, na qual evidenciamos os passos metodológicos seguidos; análise dos dados, na qual colocamos em prática os conceitos discutidos através da análise do nosso *corpus*; considerações finais, na qual apontamos as conclusões encontradas e sugerimos a continuidade da pesquisa em um *corpus* maior; e, por último, colocamos as referências que dão a oportunidade ao leitor de ler os escritos dos autores aqui elencados de forma mais ampla.

Passemos, a seguir, à fundamentação teórica de nosso trabalho.

---

<sup>1</sup> Segundo Marcuschi (2003, p. 23-24), “Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso* etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas”.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A REFERENCIAÇÃO

Conforme Koch (2011), a referência não deve ser entendida como uma representação fiel da realidade, mas uma construção sociocognitiva realizada por meio das interações e interpretações que fazemos em nosso entorno social e cultural. Nesse sentido, a autora afirma que, quando recriamos uma situação discursiva referencial, estamos apresentando objetos do discurso e não objetos do mundo. Assim, de acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), os processos referenciais, geralmente, são categorizados em: introdução referencial, anáfora e dêixis.

Para os autores, a introdução referencial se dá quando determinado referente se manifesta pela primeira vez no texto. Essa introdução pode ocorrer pela apresentação de uma expressão referencial que não fora citada antes, explicitando, assim, o objeto do discurso. Além disso, a introdução referencial pode ocorrer por meio de uma expressão referencial que aponta “para certos elementos da situação imediata de comunicação” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 56). Nesse segundo caso, ao passo que introduz um novo referente ao texto/discurso, também se configura como um processo dêitico, tendo em vista o seu caráter indicativo da situação de comunicação, considerando interlocutores, em dado tempo e lugar. Desse modo, os autores ressaltam que, embora uma introdução referencial também possa estabelecer um processo dêitico, não implica dizer que todo dêitico constitui uma introdução referencial.

Conforme os autores, as anáforas, independentemente do tipo, têm como finalidade dar continuidade a uma referência. Assim, as anáforas podem ser classificadas em: diretas ou correferenciais, indiretas ou não correferenciais e encapsuladoras. As anáforas diretas retomam um referente que já foi introduzido anteriormente, e, assim, dão continuidade ao texto. Nesse processo, as anáforas correferenciais podem manter o mesmo referente, ou podem agregar outros elementos, em um processo de recategorização construído sociocognitivamente por seus interlocutores.

Por outro lado, as anáforas indiretas não retomam exatamente o mesmo referente, seja ele recategorizado ou não, por isso dá a impressão de introduzir uma expressão nova, no entanto, remetem a outros referentes expressos no cotexto. Para os autores, esse tipo de anáfora se apresenta mais prototipicamente por meio de relações metonímicas, principalmente, nas cor-relações parte-todo.

Já as anáforas encapsuladoras têm por finalidade resumir porções contextuais, variando desde uma simples sentença até um texto todo. Desse modo, os autores dizem que “o mecanismo de encapsulamento, portanto, é uma das estratégias para prover um ‘um resumo’ textual de diferentes extensões” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 84).

### A DÊIXIS

Em relação ao processo referencial objeto de nossa análise, Sousa (2005) diz que a dêixis mantém sua significação original de apontar ou indicar as relações pessoal, temporal e espacial, conservando, assim, sua função ostensiva. Conforme Silva (2008), essa função da dêixis se mostra mais fácil de identificação, haja vista ser marcada gramaticalmente por pronomes pessoais e demonstrativos, que direcionam as pessoas do discurso. Nesse sentido, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) confirmam que se trata de um fenômeno referencial que leva em consideração o contexto de enunciação para os interlocutores, o tempo e o lugar da ação comunicativa, e, assim categorizam a dêixis em: pessoal, social, espacial, temporal, textual e de memória.

Segundo os autores, a dêixis pessoal se apresenta de forma prototípica por meio de pronomes pessoais, principalmente, por aqueles que indicam os participantes da ação comunicativa, o locutor e o interlocutor. Assim, pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa (eu/tu/você) do discurso, bem como pronomes possessivos correspondentes (meu/teu/seu), ao se referirem às pessoas do discurso, são entendidos como dêixis pessoal. Por sua vez, Sousa (2005) chama-nos a atenção para o fato de que nem sempre os pronomes pessoais “eu/você” são utilizados como pessoas do discurso, já que, algumas vezes, podem ser usados de forma genérica, não mostrando, assim, a indicação clara dos interlocutores da ação comunicativa. Contudo, os pronomes pessoais, quando apontam para os participantes do ato comunicativo, revelam-se fundamentais para a compreensão textual.

A dêixis social, também, faz remissão direta aos interlocutores da ação comunicativa, no entanto, as expressões referenciais utilizadas mostram-nos as escolhas sociais utilizadas pelos participantes, indicando uma maior ou menor proximidade entre eles (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Segundo Cavalcante (2000), a dêixis social vincula-se à dêixis pessoal, considerando que esta aponta para os interlocutores do ato comunicativo, assim como aquela. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) salientam, ainda, que os elementos dêiticos sociais levam em consideração os comportamentos sociais mais adequados a cada situação de interação comunicativa.

De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a dêixis espacial tem por objetivo indicar o grau de distância/proximidade de um determinado referente em relação ao locutor do ato comunicativo. No entanto, só será considerada dêitica a expressão que revelar a localização onde se situa o locutor. Semelhantemente à dêixis espacial, a dêixis temporal aponta para o momento em que um locutor enuncia determinado ato comunicativo. Desse modo, são considerados elementos dêiticos temporais somente aqueles que remetem, por exemplo, a uma situação em que um locutor apresenta sua ação comunicativa. Sousa (2005), baseando-se em Cavalcante (2000), ressalta que as marcas de tempo não são só aparentes por meio das flexões verbais, mas também através dos advérbios e conectivos de valor temporal.

Por outro lado, a dêixis textual direciona-se para a materialização do texto, colocando de lado a situação real de comunicação, e passando a evidenciar o cotexto. Os elementos dêiticos textuais têm como característica situar os enunciados no espaço/tempo do cotexto, direcionando o interlocutor por dentro dele, conforme Apothéloz (1995). Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a dêixis textual constitui um processo híbrido, já que tal processo alia a função anafórica, bem como dêitica, atestando as considerações de Silva (2008) segundo as quais um elemento dêitico nem sempre será uma expressão genuinamente dêitica.

Nessa perspectiva de hibridização de funções, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) ressaltam, ainda, que nem sempre um elemento dêitico textual ocorre paralelamente a uma anáfora encapsuladora, já que pode se apresentar, ainda, concomitantemente a uma anáfora correferencial. Nesse sentido, anáforas dessa natureza podem estabelecer uma função dêitica, à medida que orienta o interlocutor a determinados pontos do cotexto.

Para os autores, a dêixis de memória estimula o interlocutor a buscar, em sua memória discursiva, o referente que ele compartilha com o locutor. Conforme Apothéloz (1995), esse objeto do discurso é tão claro, que dá a impressão de ter sido apresentado anteriormente. A respeito da dêixis de memória, Sousa (2005, p. 123) revela que nem tudo se apresenta no cotexto, pelo contrário, “os interlocutores devem compartilhar conhecimentos específicos para que possam reconhecer o referente pinçado da memória de ambos”.

Passemos à metodologia desta pesquisa, a seguir.

## METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, analisamos uma amostra composta por 6 (seis) cartas literárias. A coleta das cartas literárias foi realizada no livro intitulado “Felpe Filva”, de Furnari (2006). Para uma análise consistente, escolhemos 6 (seis) cartas, as quais possibilitaram verificar a possível ocorrência das dêixis pessoal, social, espacial, temporal e textual (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014) no *corpus* em estudo.

Os escritos do livro “Felpe Filva” é direcionado para o público infante-juvenil. Em nosso trabalho, verificamos como se dá a ocorrência e recorrência das dêixis em estudo na troca de cartas entre a personagem Charlô e Felpe Filva, uma vez que, em determinados momentos, há a permuta de papéis de locutor e interlocutor entre Charlô e Felpe Filva, os quais assumem os dois papéis de acordo com as cartas.

Vale ressaltar que as personagens, por se tratarem de coelhos, são personificadas ao assumirem características humanas, tendo em vista que se utilizam da linguagem verbal oral e escrita, além de se expressarem por meio de seus sentimentos.

Além disso, há uma aproximação da coelha Charlô com o público-alvo infante-juvenil do livro em questão, visto que a coelha corresponde ao público-alvo do poeta Felpe Filva. Nesse sentido, Charlô inicia um diálogo com o referido poeta, enviando-lhe cartas para dar sugestões e comentar, por exemplo, os poemas elaborados por Felpe Filva. Em seguida, o poeta começa a escrever cartas em resposta para as elaboradas por Charlô. Nesse diálogo estabelecido pela leitora e pelo poeta, um dos personagens exerce a função de locutor, enquanto o outro de interlocutor, e vice-versa.

Em relação às cartas literárias, Lopes (2013, p. 130) ressalta que os principais atores sociais dessas cartas podem ser “literato(s), literata(s), leitor(es) (as), personagem(ns), os quais são produtores dessas cartas direcionadas a um público-alvo representado, principalmente, pelos seguintes ‘consumidores’: infante-juvenil; adulto; personagem(ns)”. Assim, a autora ressalta que os personagens podem desempenhar os papéis de produtor e/ou consumidor dessas cartas, ao mesmo tempo.

Em outras palavras, a carta literária propaga textos escritos por literatos, entre outros, o que possibilita o diálogo entre personagens fictícios ou mesmo o diálogo dos autores literários com o seu público-alvo, por exemplo.

## ANÁLISES

Ao analisarmos as 6 (seis) cartas presentes no livro Felpe Filva, de Furnari (2006), evidenciamos que as referidas cartas apresentam a dêixis social. Em relação à dêixis textual, é evidenciada, principalmente, nas cartas de Charlô. No que diz respeito à dêixis de memória, apresenta-se pouco evidente no *corpus* analisado, tendo, apenas, uma ocorrência em uma carta, a qual foi elaborada por Charlô (exemplo 5). No que se refere às dêixis espacial e temporal, não evidenciamos ocorrência na amostra em questão.

Nas cartas de Charlô, os traços característicos do gênero carta pessoal são mantidos, apresentando, primeiramente, o local e a data, e, em seguida, o vocativo indicativo do seu interlocutor, Felpe Filva. Já as cartas da também personagem, o poeta Felpe Filva, apresentam as mesmas marcas de lugar e de tempo, entretanto isso é expresso no final da carta, conforme os exemplos 1 e 2. Ressaltamos que tais marcas não necessariamente venham constituir dêixis espacial e temporal, respectivamente, haja vista não tomar como ponto de referência o lugar e o momento de enunciação em que se encontra o locutor.

(1)

*Rapidópolis, 20 de fevereiro*

**Prezado Senhor Felpo Filva**

*[...] O senhor gostou? Com certeza eles serão mais felizes assim, não? Espero que o senhor não se ofenda com isso.*

*Um abraço cordial*

**Charlô Paspартu**

(2)

Charlô,

**Você** está redondamente enganada a **meu** respeito. **Eu** tenho muita imaginação, **você** nem desconfia quanta. **Olha só** como é que **eu** imagino **você**: Barriga estufada, orelhas peludas, nariz de batata, bigode caído.

**Felpo Filva**, um poeta cheio de imaginação.

**Rapidópolis, 5/5**

Na primeira carta (exemplo 1), Charlô direciona-se ao poeta Felpo Filva com certa cerimônia e certo respeito, por se tratar do primeiro contato entre os interlocutores, através do pronome “senhor”, denotando-nos um elemento dêitico social. Além disso, não podemos esquecer que o referido interlocutor corresponde a um poeta a quem ela devota admiração. Note-se que os locutores, ao despedirem-se nas cartas, assinam o seu nome e sobrenome, mostrando-nos um distanciamento. Por outro lado, na carta resposta, Felpo Filva se mostra mais próximo do seu público-alvo, evidenciando-se por meio do pronome “você”. Em virtude disso, cria-se um vínculo entre os interlocutores, e o padrão de formalidade vai dando lugar a um nível de maior intimidade.

Em outras palavras, devemos levar em consideração também a posição daquele que enuncia. Se Felpo Filva chamasse Charlô por senhora, o tratamento seria recíproco ao dela, ou seja, eles estariam equiparados socialmente, que não é o caso. Ele, na posição de poeta, pode se reportar a jovem sua leitora como você. No entanto, essa equidade social ocorre à medida que Charlô começa continuamente a se dirigir a Felpo Filva por meio do pronome “você”, mostrando-nos a aproximação social entre os interlocutores em virtude do interesse mútuo entre eles. Assim, o referido pronome representa um dêitico social, primeiramente, denotando-nos um grau maior de formalidade que, posteriormente, passa a um nível de menor formalidade.

(3)

**Rapidópolis, 23 de maio**

Poeta

Fiquei muito comovida com a sua carta.

**Felpe querido, eu** gosto de orelhas diferentes, acho que dão um charme interessante a um coelho. Principalmente **você**, que é poeta, devia se orgulhar de ser assim, especial.

Foi lindo e corajoso **você** confessar que tem alma de tartaruga, afinal, elas são cheias de sabedoria.

[...]

**Beijos**

**Charlô**

Nessa linha tênue entre dêiticos sociais e pessoais, consideramos que o pronome “você”, no *corpus* analisado, não representa somente a segunda pessoa do discurso, assim como o é na dêixis pessoal, pelo contrário, o pronome “você” marca a mudança de um nível mais formal para um menos formal.

Podemos evidenciar essa aproximação, também, pela despedida estabelecida entre as personagens, que logo nas primeiras ocorrências das cartas é mais distante, Charlô saúda-o com “um abraço cordial”, enquanto o poeta se despede por “Adeus”. No entanto, com a constante troca de cartas entre os interlocutores, o tratamento muda, como falamos anteriormente, e começam a se despedir com a saudação “beijos”. Devemos considerar, ainda, que Felpe Filva, em sua primeira carta para Charlô, utiliza-se de uma ironia, ao intitular-se por um poeta cheio de imaginação (exemplo 2), distanciando-se de sua interlocutora.

No que diz respeito às dêixis pessoais, foram evidenciadas através do pronome “eu” (exemplo 2 e 3), “meu” (exemplo 2), “seu” (exemplo 5), designando os atores sociais das cartas em questão, Charlô e Felpe Filva. No exemplo 2, o “eu” indica o poeta Felpe Filva, autor da carta, enquanto, no exemplo 3, o mesmo pronome aponta para o outro locutor, Charlô. Já o pronome “meu” presente no exemplo 2 e o pronome “seu” presente no exemplo 5 remetem a Felpe Filva, no entanto, a primeira situação é indicada pelo próprio autor da carta, enquanto que, na segunda, o pronome “seu” é utilizado por Charlô para fazer referência ao poeta.

Em relação à dêixis textual, encontramos algumas ocorrências, por exemplo, nas cartas elaboradas por Charlô, há as seguintes dêixis textuais, a saber: “veja só” (exemplo 4); “veja”, “é assim” e “deste jeito” (exemplo 5); já nas cartas escritas pelo poeta Felpe Filva, há somente uma ocorrência, a saber: “olha só como é que eu imagino você” (exemplo 2), referindo-se à personagem Charlô.

(4)

[...] *Sinceramente, eu discordei da história do poema da **Princesa do avesso!** Cruz-credo, que final pavoroso! **Veja só:***

*Princesa do avesso  
não mora na torre.  
O fundo do poço  
é o seu casarão.*

*Não joga suas tranças,  
espera uma corda  
de um príncipe jovem,  
formoso e bobão.*

*Chegado o momento,  
a moça do avesso  
o traz para baixo  
com um leve puxão.*

*No fundo do poço,  
com frio e com fome,  
os dois infelizes  
pra sempre serão.  
[...]*

Conforme o exemplo 4, Charlô direciona seu interlocutor para o trecho em que trata do poema da “Princesa do avesso”, organizando a sua carta e, por sua vez, orientando o poeta ao ponto específico do texto em que se mostra o poema considerado pavoroso por Charlô, concordando com a proposição da função metatextual de Apothéloz (1995), no que se refere aos dêiticos textuais.

(5)

[...] **Sabe aquele seu poema, o do Passarinho na gaiola?** Sinceramente, achei que nesse aí falta um pouco de liberdade, de alegria, de imaginação! **Veja**, vou tentar lhe explicar a minha ideia. O seu poema **é assim:**

Uma xícara tem asa  
Passarinho também.  
Uma xícara tem sorte  
Passarinho não tem.

Uma casa tem canto  
Passarinho também.  
Uma casa tem planta  
Passarinho não tem.

O avião tem um bico  
Passarinho também.  
O avião tem o céu  
Passarinho não tem.

Eu tomei a liberdade de re-escrever o **seu** poema soltando o passarinho. E ele ficou deste jeito:

## PASSARINHO SEM GAIOLA

O cachorro tem osso  
Passarinho também.

A janela tem grade  
Passarinho não tem.

A cadeira tem pernas  
Passarinho também.

Uma lebre tem dentes  
Passarinho não tem.

Frigideira tem ovos  
Passarinho também.

Uma toca tem dono  
Passarinho não tem.

O senhor não acha que ficou mais interessante? Que o passarinho ficou bem mais solto e feliz?

Um abraço  
Charlô

PS. Quem planta ovo colhe passarinho.

No trecho “sabe aquele seu poema”, Charlô ativa a memória discursiva de seu interlocutor, Felpe Filva, utilizando-se da dêixis de memória, embora ela, logo em seguida, introduza o objeto do discurso por meio da denominação do poema, “Passarinho na gaiola”. De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a ocorrência do pronome demonstrativo, especificamente o de terceira pessoa, “aquele”, mostra-se como indicativo da dêixis de memória. É interessante ressaltar que a dêixis de memória, conforme Sousa (2005), apresenta-se por meio do conhecimento compartilhado entre interlocutores. Destarte, consideramos que a dêixis de memória não se evidenciou de forma efetiva, no *corpus* em estudo, ocorrendo somente em uma carta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao objetivo postulado neste trabalho de analisar as dêixis pessoal, social, espacial, temporal, textual e de memória em 6 (seis) cartas literárias, verificamos, no *corpus* em estudo, a ocorrência significativa das seguintes dêixis: dêixis pessoal, social, textual, as quais se mostram produtivas na construção do sentido dessas cartas.

As cartas elaboradas pelos personagens, Charlô e Felpe Filva, expressam o local; o dia e o mês, havendo uma mudança na localização dessas informações que, nas cartas de Charlô, aparecem no início; e, nas cartas de Felpe Filva, aparecem no final. No entanto, essas marcas locativas e temporais não constituem dêixis espacial e temporal, como ressaltamos.

A dêixis textual é encontrada com maior ocorrência nas cartas de Charlô, embora a tenhamos encontrado nas cartas de Felpe Filva, uma vez que a coelha a utiliza como uma forma de apontar para a reescrita de textos elaborados por Felpe Filva, por exemplo, os poemas.

A dêixis de memória aparece, de forma sutil, no *corpus* em estudo, pois a encontramos em uma única carta elaborada por Charlô. Nesta carta, evidenciamos somente uma ocorrência da dêixis de memória.

Em suma, sugerimos a continuidade desta pesquisa com um maior *corpus* de cartas literárias para a verificação de outras ocorrências das dêixis pessoal, social, espacial, temporal, textual e de memória em cartas literárias.

## REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis. *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. 349 f. Tese (Doutorado) – Université de Neuchâtel, Neuchâtel, 1995.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referência e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014. 170 p. (Trabalhando com... na escola ; 7).

SILVA, Alena Ciulla e. Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008, 201 f.

FURNARI, Eva. *Felpe Filva*. São Paulo: Moderna, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOPES, Ana Keyla Carmo. A natureza multimodal de uma constelação de gêneros cartas. 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. *A organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará*. 2005. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.